



DIREITOS CIVIS / País se tornou o nono das Américas a legalizar o casamento gay, após aprovação pela Câmara. Nova legislação permitirá adoção por casais de mesmo sexo

Chile autoriza a união homoafetiva

» RODRIGO CRAVEIRO

Em um dos poemas da obra *Cem sonetos de amor*, o poeta chileno Pablo Neruda (1904-1973) escreveu: "Nesta história só eu morro, e morrerei de amor porque te quero, porque te quero, amor, a sangue e fogo". Ontem, o Chile fez história. O amor, cantado por Neruda, venceu o preconceito e a discriminação. Por 82 votos a favor, 20 contra e duas abstenções, a Câmara dos Deputados aprovou o casamento homoafetivo e transformou o Chile no nono país do continente americano a legalizar o casamento gay — ao lado de Canadá, Estados Unidos, Costa Rica, Equador, Colômbia, Brasil, Uruguai e Argentina. O texto também abre possibilidade para que casais de mesmo sexo possam adotar filhos, mas proíbe o uso da barriga de aluguel. Horas antes, o Senado tinha avalizado o projeto de lei por 21 votos a favor, oito contra e três abstenções.

Agora, o projeto de lei segue para a sanção do presidente conservador Sebastián Piñera, que decidiu em junho acelerar seu trâmite no Congresso, onde estava desde 2017. Por meio de um comunicado à imprensa, o Movimento de Integração e Libertação Homossexual (Movilh) afirmou que, "com a aprovação do casamento igualitário, o Chile deu um passo histórico e decisivo para o avanço e a consolidação dos direitos humanos dos casais do mesmo sexo e das famílias homoafetivas". "Todas elas, sem distinção, eram discriminadas e violadas desde as origens do nosso país", acrescentou a entidade, uma das principais defensoras da causa.

Diretora executiva da Fundação Iguais, Isabel Amor comparou a aprovação da lei a "uma corrida de vários quilômetros" e se disse "tremendamente emocionada". Segundo a agência de notícias France-Presse, os ativistas que acompanhavam a votação da tribunal celebraram de forma efusiva e ostentaram cartazes, além de uma bandeira com as cores do arco-íris, símbolo do movimento LGBTQIA+.

"Histórica e transcendental". Assim o deputado do Partido Acción Humanista (esquerda) Tomás Hirsch

Dedvi Missene/AFP



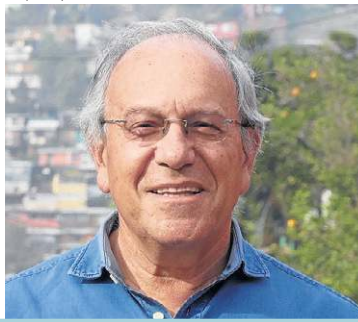
Integrantes de movimentos sociais celebram a aprovação da lei no Congresso Nacional chileno: quatro anos de espera

Eu acho...

"A nova lei também permitirá a adoção e a filiação de crianças por casais homossexuais. Isso possibilita uma igualdade da lei e acaba com a discriminação tanto a casais do mesmo sexo quanto a meninos e meninas. É um momento histórico para o Chile."

Tomás Hirsch, deputado do Partido Acción Humanista (esquerda)

Arquivo pessoal



descreveu a votação de ontem na Câmara. "Ela reflete uma mudança profunda que, felizmente, tem sido vista no Chile. Nos últimos anos, aprovamos a lei do aborto por três motivos (perigo de vida para a mulher, inviabilidade de sobrevivência do feto e gravidez resultante de estupro). Também avançamos rumo

a melhores direitos para as mulheres e para a diversidade sexual, além de progressos na luta contra toda as formas de discriminação", afirmou ao **Correio**, por telefone. "Temos uma Assembleia Constituinte com paridade de gênero e com participação dos povos originários (indígenas). Esses avanços não

foram uma tarefa fácil, pois há setores profundamente reacionários na direita e no governo, que têm buscado impedir esses direitos essenciais."

Para Hirsch, a luta da comunidade LGBTQIA+ tornou possível a aprovação do matrimônio igualitário. "Foram eles que fizeram isso. Nós, enquanto parlamentares, respondemos às suas demandas e convicções. A atmosfera na Câmara, hoje (ontem), era de uma profunda alegria e uma grande satisfação por termos conquistado algo que demorou vários anos até converter-se em realidade. Infelizmente, isso deveria ser um direito já garantido para todos e para todas", desabafou o parlamentar. "Essa lei garante que duas pessoas, independentemente de seu gênero e de sua orientação sexual possam contrair matrimônio em igualdade de condições com o que ocorre hoje em dia entre um homem e uma mulher."

ALEMANHA

Após 16 anos, Merkel se despede hoje do poder

Foram 5.860 dias no comando da maior economia da Europa. Durante mais de 140 mil horas no poder, Angela Merkel ganhou o respeito da população e do mundo, ao enfrentar com sobriedade períodos turbulentos, como a crise migratória, em 2011, e a pandemia da covid-19. Hoje, "Mutti" (mamãe) Merkel transferirá o controle da Alemanha para o social-democrata Olaf Scholz, o qual governará sob uma coalizão com os Verdes e o Partido Democrático Liberal (FDP). As bases da próxima gestão foram detalhadas em um documento assinado ontem pelas lideranças das três legendas.

O pacto da coalizão tripartite, intitulado "Ouse mais progresso", tem 177 páginas e foi amplamente discutido internamente, depois de ser apresentado em 25 de novembro. Scholz, de centro-esquerda, assumirá com uma série de desafios, como tentar debelar a crise econômica provocada pela pandemia do coronavírus e levar adiante medidas impopulares, como a adoção de restrições sociais e o debate sobre a vacinação compulsória contra a covid-19.

Ontem, Scholz prometeu que seu governo sairá em defesa de uma União Europeia forte e alimentará a aliança transatlântica, mas deixou em aberto a possibilidade de não acompanhar os Estados Unidos no boicote aos Jogos Olímpicos de Inverno de 2022, sediados em Pequim. O futuro chanceler alemão transmitiu a ideia de continuidade de governo e fez um alerta: "A pandemia está longe de acabar".

A transferência de poder será formalizada durante sessão do Bundestag (Parlamento), o qual fará uma votação protocolar para referendar a vitória de Scholz nas eleições legislativas de setembro. A centro-esquerda retornará ao comando da Alemanha, o que não ocorria desde o governo de Gerhard Schröder (1998-2005).

Merkel recebeu homenagens do sucessor e de líderes europeus. "Angela Merkel foi uma chanceler que teve êxito", elogiou Scholz. "Permaneceu fiel a ela mesma durante 16 anos marcados por várias mudanças." O presidente francês, Emmanuel Macron, enalteceu o compromisso, a paciência e a capacidade de ouvir de Merkel. O russo Vladimir Putin, por sua vez, disse ter "muita confiança" na alemã, "uma pessoa muito aberta". A chanceler "faz realmente um esforço honesto para resolver as crises".

Antivacinas

A Alemanha enfrenta uma onda de mensagens antivacinação disseminadas pelas redes sociais e pelos aplicativos de mensagens, como o Telegram. Lançado por um grupo chamado "Corona-Vírus-Informação", um texto circula desde o fim de novembro e foi lido por mais de 25 mil pessoas. "O que aconteceu e as imagens que vimos são realmente terríveis, como país não devemos aceitar coisas parecidas", condenou Olaf Scholz.

Odd Andersen/AFP



Merkel discursa em cerimônia de despedida, em 2 de dezembro

UCRÂNIA

Joe Biden ameaça Putin com "resposta forte"

Em conversa de duas horas por videoconferência, o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, alertou o homólogo russo, Vladimir Putin, que o Ocidente reagirá com uma "resposta forte" no caso de uma escalada militar na Ucrânia. "O presidente Biden expressou a profunda preocupação dos Estados Unidos e de nossos aliados europeus com a escalada de forças da Rússia em torno da Ucrânia e deixou claro que os Estados Unidos e nossos aliados responderiam com fortes medidas econômicas e de outros tipos no caso de uma escalada militar", informou a Casa Branca em um comunicado após a cúpula entre os dois líderes.

Biden enfatizou o "apoio à soberania e integridade territorial da Ucrânia e pediu uma desescalada e o retorno à diplomacia", informou o texto, que indicou que Biden e Putin concordaram em dar "seguimento" à cúpula por suas respectivas equipes.

O Kremlin classificou o diálogo como "franco e profissional", e ressaltou que Putin pediu "garantias" a Biden de que a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) não vai se expandir para o leste. "A Otan está empreendendo tentativas perigosas de usar o território ucraniano e desenvolve seu potencial militar em nossas fronteiras, e é por isso que a Rússia tem um interesse sério em (obter) garantias jurídicas seguras que descartem uma expansão da Otan no leste."

Casa Branca/AFP



Joe Biden (E) conversa com o homólogo russo: duas horas de videoconferência e articulação com aliados ocidentais

"É bom vê-lo novamente", disse Biden, de acordo com as imagens da televisão russa. "Eu o saúdo, senhor presidente", disse Putin, sorrindo, sentado a uma longa mesa, em frente a uma tela que mostrava Biden. Putin estava em sua residência em Sochi, um resort à beira-mar no litoral do Mar Negro. Biden, por sua vez, participou da "Sala de Crise" da Casa Branca, uma área ultrasecreta de onde são realizadas as operações militares mais delicadas, o que mostra o nível de tensão.

Imagens de satélite revelaram uma forte concentração de tropas russas na fronteira com a Ucrânia, semeando um temor crescente de uma guerra na Europa. A Rússia apoia uma rebelião

separatista no leste da ex-república soviética e, em 2014, anexou unilateralmente a Península da Crimeia.

Sem promessas

Jake Sullivan, assessor de Segurança Nacional do governo dos Estados Unidos, assegurou que Biden "não fez promessas, nem concessões" às demandas de Putin. Amanhã, Biden falará com o colega ucraniano, Volodymyr Zelensky, quando pretende expor o teor da conversa com o russo. Durante a videoconferência, o líder do Kremlin declarou que "os soldados russos estão em seu território, não ameaçam ninguém". Horas depois, Biden e os chefes de Estado

e de governo de Reino Unido, França, Alemanha e Itália expressaram apoio à "integridade territorial" da Ucrânia.

"O presidente Biden antecipou aos líderes sua conversa com o presidente Putin, na qual discutiu as sérias consequências de uma ação militar russa na Ucrânia e a necessidade de reduzir a escalada e voltar à diplomacia", informou a Casa Branca, por meio de um comunicado. "Os líderes sublinharam seu apoio à soberania da Ucrânia e sua integridade territorial, assim como a necessidade de que a Rússia reduza as tensões e se envolva na diplomacia." Nos próximos dias, o presidente francês, Emmanuel Macron, pretende conversar com Putin e com Zelensky.